

FLUXOS MIGRATÓRIOS LUSÓFONOS EM DIREÇÃO AO CANADÁ: O CASO PORTUGUÊS E O BRASILEIRO¹.

*Nilce da Silva*²

Resumo

Este trabalho é fruto de pesquisa exploratória feita em Montreal – subsidiada pelo governo canadense no ano de 2006 – e das reflexões acerca da relação entre o mundo lusófono e a instituição escolar no âmbito do Grupo de Pesquisa Estudos sobre Populações Brasileiras no Brasil e no Mundo: o Papel da Instituição Escolar apoiado pelo CNPq e pela FAPESP.

A partir de contato com comunidade de diáspora portuguesa e brasileira em Montreal e de um breve resgate da história

1. Este trabalho será apresentado parcialmente no IV Congresso Internacional Patrimônio Cultural, Córdoba, em maio de 2008.

2. Nilce da Silva é professora doutora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo; é, também, coordenadora do Grupo de Pesquisa *Estudos sobre Populações Migrantes no Brasil e no Mundo: o Papel da Instituição Escolar* – www.projetoacolhendo.org – e editora da Revista *Acolhendo a Alfabetização em Países de Língua Portuguesa* – www.mocabras.org. E-mail: nilce@usp.br

da lusofonia, discutiremos a semi-perifericidade econômico-social de Portugal e de suas antigas-colônias, mais especificamente, do Brasil. Destacaremos que, apesar do referido país da União Européia ter construído o mais longo império colonial da história da humanidade, a diáspora portuguesa é evidente e o Canadá tem sido um dos destinos preferidos pelos portugueses. Além disto, apontamos que o Brasil, hoje, apresenta fluxo migratório de pessoal qualificado em direção ao citado país da América do Norte. Finalmente, no âmbito destes movimentos da população lusófona, debateremos: 1- O papel da instituição escolar no contexto montrealense no sentido da difusão do patrimônio simbólico lusófona: língua e cultura; 2- A transferência de patrimônio cultural brasileiro para o Canadá por meio do fenômeno conhecido como fuga de cérebros; eixos de discussão em que a relação entre a instituição escolar e o direito à lusofonia está expressamente colocada.

Palavras-chave

Lusofonia, imigração brasileira e portuguesa, Canadá, cultura, língua, escola.

Abstract

This study is the result of an exploratory research carried out in Montreal – subsidized by the Canadian Government in 2006 – and of the reflections on the relation between the lusophone world and the school in the scope of the Research Group Studies on Migrant Populations in Brazil and in the World: The role of the School supported by CNPq and FAPESP.

Arising from the contact with a Portuguese and Brazilian community in Canada, this discussion will approach the social-economic semi-peripheral particularity of Portugal and its colonies – more specifically Brazil. We will point out that although this member of the European Union built the longest colonial empire in the history of mankind, the Portuguese diaspora is evident and Canada has been one of the favorite destinations of the Portuguese. Besides that, we put forth that Brazil bears migrating outflow of qualified labor toward Canada. Finally, in the scope of these lusophone population movements, we will discuss: 1- the role of the school in Montreal's context regarding the dissemination of the lusophone symbolic heritage: language and culture; 2 – the transfer of Brazilian cultural

heritage to Canada by means of a phenomenon called brain drain; axes of discussion in which the relationship between the school and the right to lusophone culture is clearly placed.

Key words

Lusophone, Brazilian and Portuguese immigration, Canada, culture, language, school.

Resumen

Este trabajo es fruto de la investigación exploratoria en Montreal patrocinada por el gobierno canadiense en el 2006- y las reflexiones acerca de la relación entre el mundo lusofono y el papel de la institución de la escuela en el alcance del Grupo de Investigación Estudios sobre Poblaciones Migratorias en el Brasil y en el Mundo: el Papel de la Escuela apoyado por CNPq y FAPESP. De un contacto con la comunidad de inmigrantes portugueses y brasileños en Montreal y por medio de la historia del mundo del lusófono,, discutiremos sobre la mitad-periférica económico-social de Portugal y de sus antiguas-colonias, más específicamente, del Brasil. Separaremos que, a pesar de el país relacionado de la unión europea había construido el imperio colonial más largo de la historia de la humanidad, el diáspora portugués somos evidentes y Canadá ha sido una de las destinaciones preferidas por la gente de Portugal. Por otra parte, señalamos que Brasil, hoy, flujo migratorio de los presentes de trabajadores cualificados en la dirección al país citado de la Norteamérica. Finalmente, en el alcance de estos movimientos de la población del lusofona, discutiremos: 1- el papel de la escuela en el contexto del montrealense en la dirección de la difusión del simbólico del patrimonio: lengua y cultura; 2- el transpaso del patrimonio cultural brasileño para Canadá por medio del fenómeno sabido como brain drain; donde esté la relación entre el papel de la institución de la escuela y el derecho “de ser lusófono”.

Palabras claves

Lusófona, inmigración brasileña y portuguesa, Canadá, cultura, lenguaje, escuela.

Considerações Iniciais

Fado tropical³

Oh, musa do meu fado

Oh, minha mãe gentil

Te deixo consternado

No primeiro abril

Mas não sê tão ingrata

Não esquece quem te amou

E em tua densa mata

Se perdeu e se encontrou

Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal

Ainda vai tornar-se um imenso Portugal

Sabe, no fundo eu sou um sentimental

Todos nós herdamos no sangue lusitano uma boa dose de

lirismo. (além da

sífilis, é claro)⁴

Mesmo quando as minhas mãos estão ocupadas em

torturar, esganar, trucidar

Meu coração fecha os olhos e sinceramente chora.

Com avencas na caatinga

Alecrins no canavial

Licores na moringa

Um vinho tropical

E a linda mulata

Com rendas do Alentejo

De quem numa bravata

Arrebato um beijo

3. As letras de músicas utilizadas neste texto foram encontradas nos seguintes endereços eletrônicos: [http:// www.letrasdemusicas.com.br](http://www.letrasdemusicas.com.br) e <http://gabriel-pensador.musicas.mus.br/letras/116216/>.

4. Na versão cantata a palavra não é pronunciada.

Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal
Ainda vai tornar-se um imenso Portugal
Meu coração tem um sereno jeito
E as minhas mãos o golpe duro e presto
De tal maneira que, depois de feito
Desencontrado, eu mesmo me contesto
Se trago as mãos distantes do meu peito
É que há distância entre intenção e gesto
E se o meu coração nas mãos estreito
Me assombra a súbita impressão de incesto
Quando me encontro no calor da luta
Ostento a aguda empunhadora à proa
Mas o meu peito se desabotoa
E se a sentença se anuncia bruta
Mais que depressa a mão cega executa
Pois que senão o coração perdoa.

Guitarras e sanfonas
Jasmins, coqueiros, fontes
Sardinhas, mandioca
*Num suave azulejo
E o rio Amazonas
Que corre Trás-os-Montes
E numa pororoca
Deságua no Tejo*
*Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal
Ainda vai tornar-se um imenso Portugal
Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal
Ainda vai tornar-se um império colonial*

Chico Buarque – Ruy Guerra

Neste artigo, abordaremos a transferência de patrimônio cultural que tem se dado em direção ao Quebec por meio de dois complexos

fenômenos sociais que envolvem a cultura lusófona representada, neste caso, por Portugal e pelo *imenso Portugal* (Guerra e Buarque, 1972):

- 1- O papel da instituição escolar no contexto montrealense no sentido da difusão do patrimônio simbólico lusófona: língua e cultura.
- 2- A transferência de patrimônio cultural brasileiro para o Canadá por meio do fenômeno conhecido como *fuga de cérebros*.

Para tanto, reportamo-nos, inicialmente, à *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial*, documento produzido pela UNESCO (17/10/03). Neste, há o reconhecimento explícito de que os processos de globalização e de transformação social, ao mesmo tempo em que criam condições propícias para um diálogo renovado entre as comunidades, geram, também, da mesma forma que o fenômeno da intolerância, graves riscos de deterioração, desaparecimento e destruição do patrimônio cultural imaterial, devido à, em particular, falta de meios para sua salvaguarda.

Deste modo, afirma o referido documento que cada comunidade, cada indivíduo desempenha um importante papel na produção, salvaguarda, manutenção e recriação do patrimônio cultural imaterial e assim contribui para enriquecer a diversidade cultural e a criatividade humana.

De um modo geral, tal patrimônio, transmitido de geração para geração, é definido pelo conjunto das práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural e manifesta-se nos seguintes campos:

a) tradições e expressões orais, o que inclui o idioma como veículo do patrimônio cultural imaterial; b) expressões artísticas; c) práticas sociais, rituais e atos festivos; d) conhecimentos e práticas relacionados à natureza e ao universo; e) técnicas artesanais tradicionais.

Ressaltamos que de acordo com Defourny (2007) no *Seminário Brasil-Canadá sobre a Diversidade Cultural* (Brasília, DF, dias 27 e 28 de março de 2007), em outubro de 2005, 148 países presentes à *Trigésima Terceira Conferência Geral da UNESCO* aprovaram a *Convenção para a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais* e

entenderam o respeito à diversidade cultural e à possibilidade de preservar tal patrimônio como condição inseparável dos Direitos Humanos.

Entretanto, nossas indagações neste texto são: A língua e cultura portuguesa são preservadas no âmbito da sociedade montrealense? Qual é o patrimônio cultural que parte com os muitos brasileiros que estão nas terras canadenses? Ou seja, o direito humano de ser lusófono está sendo respeitado?

Vejam os a seguir cada um dos fenômenos aqui destacados que, apesar de parecerem distintos, mostram como a *nau se vai, pouco a pouco, no horizonte*.

Parte I: O patrimônio cultural lusófono em diáspora

A – O caso português

O povo português, de longa data, tem disseminado sua língua e cultura. Um pouco desta *alma* portuguesa pode ser entendida por meio deste excerto de *Os Lusíadas* de Luís Vaz de Camões:

*Do mar temos corrido e navegado
Toda a parte do Antártico e Calisto,
Toda a costa Africana rodeado,
Diversos céus e terras temos visto;
Dum Rei potente somos, tão amado,
Tão querido de todos, e benquisto,
Que não no largo mar, com leda fronte,
Mas no lago entraremos de Aqueronte.*

O período conhecido como *Grandes Navegações* iniciou esta característica. Nesta época, segundo Costa (1988), 30.000 marinheiros marcavam presença em diferentes continentes⁵. Apesar da força e da

5. Dito de outro modo, com diferentes tons, a cultura lusófona está em: Aguz, Arzila, Azamor, Ceuta, Mazagão, Mogador, Safim, Agadir, Tanger, Acra, Angola, Ano Bom, Arguim, Cabinda, Cabo Verde, São Jorge da Mina, Fernando Pó, Costa do Ouro Portuguesa, Guiné Portuguesa, Melinde, Mombaça, Moçambique, Quíloa, Fortaleza de São João Baptista de Ajuda, São Tomé e Príncipe, Socotorá, Zanzibar, Ziguinchor, Bahrain, Ormuz, Mascate, Bandar Abbas, Ceilão, Laquedivas, Maldivas, Baçaim, Bombaim, Calicute, Cananor, Chaul, Chittagong, Cochim, Cranganor, Dadrá e Nagar-Aveli,

longevidade do Império Português – em torno de 500 anos – Portugal tem provocado a saída de seus habitantes do continente europeu, especialmente, a partir do século XIX. Tais emigrantes são desejosos de melhores condições de trabalho e, em última instância, em busca de vida digna.

Em suma, o Gigante dos Mares, apesar da rede de feitorias, entrepostos, e fortalezas; da difusão da língua e a cultura portuguesa; da utilização de variados métodos para impor seu domínio, submeteu-se à Grã-Bretanha, maior potência do mundo no século XIX (Cf. Santos, 1996). Assim, ainda de acordo com este estudioso, os portugueses se constituem no (...) *único povo europeu que, ao mesmo tempo que observava e considerava os povos das suas colônias como primitivos ou selvagens, era, ele próprio, observado e considerado, por viajantes e estudiosos dos países centrais da Europa do Norte, como primitivo e selvagem* (Santos, 1996, p.152).

O movimento emigratório transoceânico do povo português é o mais antigo deles e dominou ao longo de todo o século XIX ao dirigir-se predominantemente para o Brasil. Ao longo do século XX, para além do Brasil, os EUA, o Canadá, a Venezuela e a África do Sul têm sido os destinos mais procurados no contexto desta corrente. O movimento intra-europeu, bastante mais recente, estabelece-se, sobretudo, na segunda metade do século XX, constituindo a França e a Alemanha os principais pólos de atração (Serrão, 1972, 1974).

De acordo com Serrão (1972, 1974), o fluxo desta população no interior da Europa apresenta características distintas do movimento transoceânico. O sucesso do plano Marshall, que ao gerar um *deficit* de mão-de-obra obrigou os países industrializados da Europa ao recrutamento de trabalhadores estrangeiros, foi o fato que determinou fortemente o estabelecimento e a orientação do movimento intra-europeu. É neste movimento que muito portugueses partiram para seus vizinhos europeus e dedicaram-se aos setores da construção civil, obras públicas, serviços domésticos e agricultura.

Damão, Diu, Goa, Hughli, Nagapattinam, Paliacate, Coulão, Salsette, Masulipatão, Mangalore, Surate, Thoothukudí, São Tomé de Meliapore, Bante, Flores, Macau, Macassar, Malaca, Molucas, Amboina, Ternate, Tidore, Nagasaki, Timor-Leste, Brasil, Cisplatina, Guiana Francesa, Nova Colónia do Sacramento, dentre outros locais.

De acordo com Teixeira (2000), os primeiros contatos dos portugueses com o Canadá ocorreram nos séculos XV e XVI, quando os navegantes portugueses mapearam a costa atlântica do país e pescadores portugueses colheram abundantes estoques de pescado nas costas da Terra Nova. Todavia, é apenas na década de 50 do século XX que este Estado americano surge como um novo pólo de atração, embora com números sempre inferiores aos registrados para os EUA. Por meio dos estudos de Serrão (1972, 1974), sabemos que estes portugueses – homens e com baixo nível de qualificação – eram predominantemente das ilhas atlânticas, sendo que ao arquipélago dos Açores pertence o maior número de partidas. Iam sozinhos para o Canadá em busca de emprego nos grandes centros urbanos – Toronto, Ottawa, Montreal, Hamilton, Kitchener e Winnipeg – nos setores da hotelaria, restauração e construção civil.

Ao consultar dados do Censo Canadense de 1996, Teixeira (2000) e Teixeira e Da Rosa (2000) afirmam que o grupo português era numericamente um dos grupos étnicos mais importantes do Canadá (335.110 pessoas). Nesta direção, ainda afirmam que o português também era freqüentemente um dos idiomas *não-oficiais* mais informados como língua materna. O português classificou-se em terceiro depois do chinês (286.460 pessoas) e do italiano (202.440 pessoas). E, finalmente, que líderes da comunidade portuguesa, inclusive autoridades portuguesas no Canadá, afirma que o número de canadenses portugueses (primeira, segunda e terceiras gerações) varia entre 400 mil e 550 mil pessoas. Segundo Teixeira (2006), tal fluxo deve-se ao fato do Canadá ter experimentado rápida mudança, especialmente na segunda metade do século XX, quando se tornou, de fato, um país multicultural. A imigração, neste sentido, transformou a geografia social de inúmeras cidades canadenses, dentre elas, destacamos, nós, a cidade de Montreal.

Veja a beleza de Pessoa quando trata deste assunto:

Ó mar salgado, quanto do teu sal

São lágrimas de Portugal!

Por te cruzarmos, quantas mães choraram,

Quantos filhos em vão rezaram!

Quantas noivas ficaram por casar

Para que fosses nosso, ó mar!

*Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.*

A constituição da cidade de Montreal, apoiada pela política canadense de imigração, é um mosaico de bairros étnicos. Nestas localidades, Saint Louis (leste de *Mont Royal*), os imigrantes, por meio de laços de parentesco e amizade e tentam manter viva a língua e a cultura de origem. Nesta direção, um dos empreendimentos marcantes desta comunidade foi o estabelecimento de escolas nesta cidade canadense, assunto do qual trataremos a seguir. Vejamos a Marcha da Escola Santa Cruz.

*Os portugueses também têm
Alegria para dar
A toda a gente de bem
Que os queira acarinhar.
Na nossa simplicidade
Está a nossa maior riqueza
Esta festa é da amizade;
Só assim terá beleza.*

Refrão

*Numa flor pode estar
O verbo amar
Do amor mais profundo
Uma flor é uma criança
É a voz da esperança,
De paz no mundo.
Santa Cruz é nossa mãe.
A escola nossa irmã.
Assim nós somos também
Uma família cristã*

*Porém, grande é a saudade
Da nossa terra natal;
Mas onde há um português
Será sempre Portugal
(In Eusébio, p.129).*

Em seis de novembro de 1971 surgia a Escola Portuguesa de Santa Cruz. Quatro anos mais tarde, era a vez da Escola Secundária Lusitana, apesar de “não era, no entanto, intenção do Centro Comunitário ultrapassar a escolaridade mínima (Cf. Eusébio, 2001).

Ainda de acordo com este autor (2001), estas instituições foram fundadas com os seguintes objetivos: defender os valores portugueses; fazer com que o português continuasse a se sentir como tal; criar condições para que os que chegavam se adaptassem, já que, somente a partir dos anos 70, pessoas escolarizadas começavam a chegar.

Além destes objetivos, esta primeira geração de imigrantes preocupava-se com a inserção das crianças e jovens e do importante papel que eles – pais – tinham como elo de ligação entre a lusofonia e o Quebec e, ao mesmo, oferecer a estes aspectos históricos, geográficos e culturais das suas origens: *É natural que a primeira preocupação face aos filhos era introduzi-los na escola canadiana (francófona ou anglófona), procurando dar-lhes uma formação escolar superior à que tinham recebido em Portugal* (Eusébio, 2001, p.19). Em seguida, a busca pela escola Santa Cruz era iniciada. Vejamos parte do jornal *A voz de Portugal* citado por Eusébio:

(.) O número de inscritos é impressionantemente grande, atingindo 350, havendo ainda mais interessados que não foi possível aceitar. Dados que as crianças que vão frequentar os cursos podem prestar provas de exame com validade como habilitações literárias em Portugal, as citadas aulas revestissem de particular interesse (p.33).

Durantes estes anos de funcionamento, o período de estudos de escola tem sido apenas aos sábados variando, portanto, entre três a seis horas de estudos por dia.

A referida instituição de ensino obrigatório mudou de endereço diversas vezes para atender a demanda dos estudantes. No período do

trabalho exploratório que inspira este artigo, nós pudemos conhecer o local atual que a escola ocupa desde 1984: na esquina da Rua Rachel com a Rua Bordeaux, ao lado da Igreja Santa Cruz.

Ao longo dos seus trinta anos de funcionamento, quatro padres foram os seus responsáveis. Muitos professores, alguns emprestados do governo português, tiveram rápida passagem pela escola (um ou dois anos), e um pequeno grupo, em que se encontram seus diretores e coordenadores trabalham na escola desde a sua fundação.

Atingiu seu máximo de procura nos anos 1982/ 83, e hoje conta com, em torno de, 500 alunos, metade do que possuía no seu auge. Segundo Eusébio (2001), os motivos para esta diminuição são múltiplos e variados. Ele cita algumas causas: diminuição significativa da chegada de novos imigrantes portugueses na região; afastamento progressivo do imigrante e de sua família da cultura de origem; rejeição da cultura lusófona por parte dos filhos dos portugueses nascidos no Canadá, dentre outros.

Tendo como base a investigação realizada pelo professor Eusébio (2001) nestas instituições no ano de 2000, destacamos alguns dados significativos: a maioria de seus alunos nasceu no Canadá; mais de 80% dos alunos da escola frequentam o sistema de ensino francófono; apenas 30% dos alunos da Escola secundária em questão e 18% da Escola Santa Cruz usam a Língua Portuguesa em casa e apenas 10% vêem a televisão portuguesa nos seus lares. Ou seja, o distanciamento da lusofonia é evidente.

Finalmente, enfatizamos que, ao longo da obra, apesar das inúmeras atividades culturais realizadas no âmbito da lusofonia (musicais, recitais e peças de teatro), a falta de verba, o pagamento simbólico aos professores, as dificuldades dos pais para pagar uma ínfima mensalidade e a escassez de material didático compõem a tônica do discurso sobre estas instituições. Como exemplo desta situação, atentemos para o fato de que apenas em 2000, a escola adquire um computador e uma máquina de reproduzir textos por meio de um rateio entre os pais e mães de seus alunos, e apenas em 1993 e 1999, as escolas, fundamental e secundária, respectivamente, fazem suas bibliotecas por meio de doações também.

Deste modo, em termos da língua e cultura de Portugal, a poesia, abaixo destacada, retrata a situação em que tal patrimônio imaterial se encontra:

*Ouço os meus filhos a falar inglês
entre eles. Não os mais pequenos só
mas os maiores também e conversando
com os mais pequenos. Não nasceram cá,
todos cresceram tendo nos ouvidos
o português. Mas em inglês conversam,
não apenas serão americanos: dissolveram-se,
dissolvem-se num mar que não é deles.
Venham falar-me dos mistérios da poesia,
das tradições de uma linguagem, de uma raça,
daquilo que se não diz com menos que a experiência
de um povo e de uma língua. Bestas.
As línguas, que duram séculos e mesmo sobrevivem
esquecidas noutras, morrem todos os dias
na gaguez daqueles que as herdaram:
e são tão imortais que meia dúzia de anos
as suprime da boca dissolvida
ao peso de outra raça, outra cultura.
Tão metafísicas, tão intraduzíveis,
que se derretem assim, não nos altos céus,
mas na caca quotidiana de outras.
Mas não terá que ser forçosamente*

(In: *Noções de Lingüística, Versos e Alguma Prosa de Jorge de Sena*. Prefácio e selecção de Eugênio Lisboa. Lisboa: Arcádia e Moraes Editores, 1979, p.110).

B – O caso brasileiro

No âmbito das políticas de recepção de imigrantes, uma delas é do nosso interesse neste trabalho. Trata-se da imigração no Canadá de *trabalhadores qualificados* (com nível universitário, domínio do inglês e francês com experiência profissional) já que esta tem atraído um grande número de brasileiros. Tal fluxo migratório também é conhecido na literatura sociológica como *brain drain* – fuga de cérebros.

Como conseqüência do movimento de europeus para os EUA, podemos admitir que outros cientistas, brasileiros inclusive, partem rumo à Europa para preencher as vagas deixadas, apesar de indianos, paquistaneses, dentre outros pesquisadores das antigas colônias não pertencentes ao mundo lusófono são priorizados, sobretudo pelo domínio da língua inglesa.

Esta situação, que desfavorece a ocupação destas vagas por brasileiros na Europa, do nosso ponto de vista, é o resultado, em grande medida, da dificuldade que a maioria dos países ex-colônias portuguesas têm em competir no sistema econômico mundial há muitos séculos.

De acordo com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), 10.000 doutores foram formados em 2006. Entretanto, boa parte deles poderá ficar desempregada. Vejamos parte de reportagem de janeiro de 2007:

Brasil tem mais doutores, mas não há empregos.

No ensino superior, doutor é o que menos tem vaga no quadro docente [...] No momento em que a Capes anuncia que o Brasil atingiu a meta de formar 10 mil doutores ao ano em 2006, muitos titulados buscam espaço no mercado [...] Especialistas afirmam que nossa produção científica (1,8% do total mundial) precisaria dobrar para alcançar a média de países como Canadá e Itália, que, em 2005, detinham, respectivamente, 4,8% e 4,4%, segundo a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (no topo, os EUA, com 32%).

[...] A maioria deles [dos doutores] – 70% – vai procurar emprego em universidades, segundo a Capes. O restante rumo para administração pública (10,9%), institutos de pesquisa (8,3%) e iniciativa privada (número incerto).

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=content&task=view&id=6320&FlagNoticias=1&Itemid=6469>.

Sabemos que esta cruel realidade para os *vencedores* que conseguem obter o título de doutor no Brasil é apoiada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDB 9394/96) que *não* exige a presença de doutores em cursos de graduação certificados pelo Ministério da Educação.

O artigo 52 da citada LDB afirma que as universidades devem ter *um terço do corpo docente, pelo menos, com titulação acadêmica de mestrado OU [grifo nosso] doutorado*. Sendo assim, doutores são preferidos por mestres, tendo em vista os menores valores de hora-aula pagos a estes últimos. Ainda, os outros dois terços, dos quais nos fala o referido artigo, são ocupados por especialistas ou graduados, o que faz com que as universidades, faculdades, centros universitários privados (em torno de 2.141 estabelecimentos) aumentem seus lucros, ou, como dizem seus proprietários, diminuam seus *déficits* financeiros às custas do barateamento dos salários dos professores.

Além dos fatores apontados que poderiam contribuir para a *fuga dos poucos cérebros* brasileiros, neste caso, especificamente para o Canadá, destacamos as afirmações feitas pelo professor de Ética e Filosofia Política da Unicamp Roberto Romano em entrevista concedida à *Folha de S. Paulo* em julho de 2003 acerca da Reforma Previdenciária pela qual passa o Brasil.

(.) a reforma da Previdência do governo Luiz Inácio Lula da Silva faz parte de um desestímulo programado para expulsar do país professores universitários. (.) a expulsão de cérebros do país não se resume apenas à reforma da Previdência em si, mas é reforçada pelos “ataques” do presidente Lula à universidade, ao criticar professores que se aposentam aos 55 anos de idade. (.) Pessoas tratadas como criminosos no seu país de origem e que recebem um salário quase de fome que são estimuladas a trocar o Brasil pelas universidades norte-americanas ou européias. (In: Romano, R. in <http://www1.folhauol.com.br/folha/brasil/ult96u51243.shtml> obtida em 16 de fevereiro de 2007).

Para o professor da UNICAMP, a política atual é definida como *política de terra arrasada* (sic) que deixa as universidades públicas sem recursos e forma um *exército intelectual de reserva* (sic) de baixo custo para os países ricos.

Segundo pesquisa sobre a migração de pesquisadores brasileiros, realizada entre 1993 e 1999, pelo presidente do Conselho da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro (Faperj), Reinaldo Guimarães, quase 60% dos pesquisadores brasileiros que saíram do país foram para os Estados Unidos ou Canadá, e 34% para a Europa.

Soraia Tandel, agente de imigração canadense, província do Québec, afirma em suas palestras que visam atrair profissionais qualificados nas principais cidades brasileiras (2006, 2007) que, atualmente, 2.500 brasileiros já residem legalmente na referida província e que o país pede mais pessoas.

Perguntamos, neste contexto: o que levam estes brasileiros com eles mesmos quando deixam o *Gigante Adormecido*?? Qual é patrimonial cultural do qual eles são fiéis depositários?

Poderíamos dizer: a língua, as técnicas, o saber acadêmico conseguido nas nossas universidades públicas. Entretanto, neste momento da nossa vida pessoal e acadêmica, preferimos indicar esta resposta à luz da obra *Macunaíma*, do paulistano Mário Raul de Moraes Andrade, nascido em 1893, que partiu, com apenas 51 anos, de um ataque cardíaco fulminante.

Mário de Andrade, como é mais conhecido, quando adolescente, era um estudante dispersivo, que tirava notas baixas, exceto em língua portuguesa. É um dos organizadores da *Semana de Arte Moderna*, no Teatro Municipal de São Paulo, em 1922, e publica, neste mesmo ano, a poesia intitulada *Paulicéia Desvairada* em que expõe características da vanguarda modernista. Seis anos mais tarde, publica a obra que neste trabalho nos interessa: o romance *Macunaíma*, uma das obras-primas da literatura brasileira.

É por meio de *Macunaíma* – herói da nossa gente brasileira – que, neste trabalho, indicaremos aspectos do patrimônio cultural que cada um daqueles que deixam o Brasil em direção a outras terras, neste caso, o Canadá, levam consigo.

Macunaíma é, por definição, um *herói sem caráter*. Do nosso ponto de vista, este *ser sem caráter* significa – longe de indicar a imagem de mau caráter ou sem valores – a possibilidade de adaptação às circunstâncias. Esta adaptabilidade é ressaltada por Soraia Tandel (2006, 2007) – agente de imigração da província de Quebec, quando em suas palestras nos fala da demanda canadense por brasileiros no Canadá.

Macunaíma nasceu em plena floresta amazônica, descendendo da tribo dos Tapanhumas e, desde a primeira infância, revelava-se como um sujeito *preguiçoso*. Entretanto, este “preguiçoso”, muito bem grafado entre aspas, remete a um desejo de fazer e um realizar apenas no

momento em que as condições estão favoráveis. Ou seja, retrata mais um modo inteligente e perspicaz de colocar-se no mundo do que falta de vontade de nele atuar. Podemos inferir que este *jeito de ser* pode se encontrar também na dita *criatividade* do brasileiro. Ou seja, aquele que sabe o como e a melhor hora para agir.

Além disto, e na mesma direção, este menino, que busca prazeres amorosos com Sofará -mulher de seu irmão Jiguê- pois, dele apenas recebe as tripas de uma anta para comer, apesar da mesma ter sido caçada por nosso herói, mostra-nos que estar parado é preferível a agir inutilmente na medida em que poupa nossas energias físicas. E assim, neste ponto da obra, temos reiterado dois aspectos do patrimônio cultural do brasileiro ressaltado – inteligência e criatividade – e ainda percebemos outros dois: a justiça e o desejo da vida, metaforicamente representado na sexualidade de Macunaíma.

Acrescentemos ainda que nestas *brincadeiras* com Sofará, Macunaíma transforma-se num príncipe lindo. E a partir, deste processo de transformação, a possibilidade de metamorfosear-se é apresentada como, do nosso ponto de vista, a grande marca do nosso patrimônio cultural: o *refazer-se*, o *tornar-se Outro*, ou ainda, o ser ambíguo. Por isso, é dado a Macunaíma, ao longo das inúmeras narrativas apresentadas na obra de Andrade a possibilidade de passar de índio ou negro a ser branco; de inseto se virar em peixe. Tal modo de se travestir dependerá da ocasião e das exigências que a situação se lhe apresentar. Fruto desta capacidade, ele se move mais rápido do que se pode pensar. Faz fugas surrealistas: num momento está em Manaus e noutra em Mendonça, na Argentina.

O caminhar de Macunaíma, de acordo com a obra de Andrade, é a busca do *muiraquitã* (uma pedra) presente oferecido por Ci – a Mãe do Mato – com que ele se envolve sexualmente, e chega a ter um filho que morre por mamar no único peito de Ci, envenenado pela Cobra Preta. Enterrado o filho, Ci também resolveu deixar este mundo. E, em busca deste *presente*, nosso herói passa por matas, fazendas, diferentes lugares até que sabe que a *muiraquitã* fora vendido a um rico fazendeiro chamado Venceslau Pietro Pietra, proprietário de uma mansão na Rua Maranhão, em São Paulo. Macunaíma resolve, então, vir para a capital paulista recuperar sua *muiraquitã*. Temos aqui a obstinação do *ser brasileiro* ou daquele conhecido nos ditados populares como o

que nunca desiste. Não o faz, justamente porque tem objetivo e para alcançá-lo elabora suas estratégias.

Recorre aos mais diferentes argumentos junto com Venceslau, inclusive a uma macumbeira do Rio de Janeiro, que consegue com que Exu dê uma belíssima surra no tal senhor.

Quando em São Paulo, destacamos que, para fins deste trabalho, o herói sem caráter escreve uma *carta pras icamiabas*, em que ele relata como era sua vida em São Paulo diante de seus arranha-céus, sua vida agitada, seus cinemas e, como não poderia deixar de ser, a prática constante de amores pecaminosos. E ainda, chama atenção na missiva para o fato de que, em São Paulo, fala-se numa língua e escreve-se em outra. Finaliza esta carta, pedindo para as mulheres da sua terra um pouco mais de dinheiro; enquanto ele dedicar-se-á ao estudo do *brasileiro falado e (d)o português escrito*.

Neste ponto da narrativa, Macunaíma explicita o policulturalismo existente no Brasil, patrimônio de cada um dos brasileiros e ainda um jeito meio *malandro de ser* – ao pedir dinheiro para as mulheres da Amazônia. Entretanto, há de se pontuar que este pedido não é para seu próprio benefício, ou seja, para o uso egoísta do dinheiro. É para a busca do *muiiraquitã*, símbolo do amor a uma mulher que lhe gerou um filho. Ou seja, é para a posteridade.

Na busca pela *muiiraquitã*, Macunaíma se disfarça de pianista e tenta, junto ao governo, uma bolsa de estudos na Europa, para onde Venceslau Pietro Pietra havia viajado. Ao não conseguir a bolsa, sai a viajar com seus irmãos – *os manos* – pelo Brasil pra ver se acha *alguma panela com dinheiro enterrado*. Depois de muito esforço, conquista sua *muiiraquitã*. Assim, Macunaíma, Maanape e Jiguê são novamente índios e resolvem voltar para o distante Uraricoera. O herói levava no peito *uma satisfação imensa*, mas não deixa de ter saudade de São Paulo. Tanto que levava consigo todas as coisas que mais o haviam entusiasmado na *civilização paulista*: um casal de legornes, um revólver Smith-Wesson e um relógio Patek.

Tem-se aqui o saudosismo, herança do povo português, que nos faz como brasileiros. O deixar para trás aquilo que se ama com certa nostalgia. Tal sentimento é muito bem expresso na letra de Vinicius de Moraes. Veja o seguinte excerto:

*Vai minha tristeza e diz a ela que sem ela
 Não pode ser, diz-lhe numa prece
 Que ela regresse, porque eu não posso
 Mais sofrer. Chega de saudade a realidade
 É que sem ela não há paz, não há beleza
 É só tristeza e a melancolia
 Que não sai de mim, não sai de mim, não sai*

Finalmente, chega ao Uraricoera natal e, ao passar por um lugar chamado Pai da Tocandeira, reconhece suas raízes e chora: a maloca da tribo era agora uma tapera arruinada. Uma sombra leprosa devora seus irmãos e a princesa, e o herói fica defunto sem choro, no abandono completo, empaludado e sem forças para construir uma oca. Ele ata sua rede em dois cajueiros no alto da barranca junto do rio e assim passa seus dias caceteado e comendo cajus. Todas as aves também o abandonam e fica somente um papagaio pra quem o herói conta todos os casos que lhe tinham acontecido. Graças a este papagaio é que se salvou do esquecimento a história do herói, parido por uma índia tapanhumas.

Sim, a sociedade brasileira, apesar de contar com inúmeras megalópoles industrializadas, é oral por excelência, já que composta basicamente por pequenas cidades. E assim, é de uma geração para outra que os traços da memória se solidificam.

Finalmente, num dia de janeiro de muito calor, o herói acorda sentindo umas *cosquinhas*, que até lhe parecem feitas *por mãos de moça*. Busca nas águas a tal mulher e é vencido, com sua *muiraquitã*, pela a última vingança de Vei, a Sol. Macunaíma, mutilado, vai bater na casa do Pai Mutum, que, com dó dele, faz uma feitiçaria e transforma-o na constelação da Ursa Maior. E aqui, Macunaíma – assim como, o brasileiro em situação de imigração – reflete acerca da vida e diz que não veio ao mundo para ser pedra – rígido e metódico – pois ele é a própria encarnação da esperteza e da improvisação, nunca quis assumir.

E assim, do nosso ponto de vista, esta obra de Mário de Andrade traz em si a essência *do ser brasileiro* que podem ser resumidas nas seguintes características, que dentre outras, constituem o patrimônio imaterial do povo brasileiro, levado aos mais diferentes países para onde tem imigrado: inteligência na hora certa; senso de realidade; inteli-

gência imagética; esforço; capacidade de definir objetivos e estratégias; persistente na busca por seus objetivos; capaz de rever e refazer seus planos; capacidade de se metamorfosear, de se adaptar às necessidades impostas pelo ambiente; capaz de ver resolução de problemas onde aparentemente não tem; vínculo à sua terra natal.

Voltemos agora às questões que nos movem nesta reflexão e tentemos indicar caminhos acerca da relação entre direito à lusofonia e instituição escolar.

Considerações Finais

Bourdieu (2001) faz uma análise do valor da escolarização nos dias atuais e diz que existem dois sistemas escolares completamente diferentes: um para os pobres, totalmente descaracterizado em relação ao que fora planejado nos anos de 1950, e outro, *organizado*, mais próximo desse modelo para aqueles que detêm o poder na sociedade. Ambos sofrem do mal-estar na escola, afirma o autor, mas suas reivindicações são completamente diferentes. Anteriormente, a escola excluía facilmente os pobres – tal como foi o caso de boa parte dos primeiros imigrantes portugueses em Quebec no século XX – ao alegar que estes não tinham capacidade para estudar. Já as transformações ocorridas desde os anos de 1950 permitiram o ingresso de uma população que antes não tinha acesso ao jogo escolar, mas a concorrência levou os que já utilizavam a escola a investir cada vez mais em educação de seus filhos.

Dos fatos referentes às instituições escolares aqui apresentados, consideramos que, apesar do incomensurável mérito destas, consideramos que estas se dirigiram aos menos favorecidos da sociedade montrealense. Isto porque, a longa dependência de Portugal em relação à Grã-Bretanha fez com que, ao longo do tempo, Portugal – da metrópole cantada por Camões – se tornasse um exportador de mão-de-obra pouco qualificada, ou seja, de portugueses praticamente sem escolarização que paulatinamente percebem os seus filhos a cada dia menos portugueses.

Deste modo, temos Portugal ocupando a semiperifericidade da Comunidade Européia; assim como, os portugueses de diferentes gerações de imigração na periferia montrealense, francófono e anglófona. Ou seja, apesar de no caso da sociedade canadense atual não haja uma exclusão selvagem, como ocorreu no caso das antigas colônias portuguesas, as

instituições escolares em exame são habitadas durante os 30 anos de sua existência por excluídos potenciais, vivendo as contradições e os conflitos associados a uma escolaridade sem outra finalidade que ela mesma.

Conforme procuramos demonstrar ao longo desta exposição, os alunos das citadas instituições escolares sabem que estas, à luz das idéias de Bourdieu, são uma ramificação de um ensino pouco valorizado, uma espécie de apêndice do sistema escolar canadense, e que, portanto, apesar de depois de todos os esforços, o diploma em Língua e Cultura Portuguesa é pouco valorizado na anglofonia ou francofonia, tanto no Canadá como na Comunidade Européia.

Há um desprezo latente pelo ensino da cultura e da língua de Camões denunciado pela rotatividade de professores, pelo salário pago a estes profissionais; pela violência simbólica descoberta no vazio de livros, computadores, programas televisivos em língua portuguesa; e pela quantidade de horas curriculares destinada ao estudo da língua de Pessoa.

Finalmente, pudemos encontrar neste contato exploratória com as Escolas Santa Cruz e Secundária que é preciso lamentar a própria desculturação, degradação da cultura de origem lusófona no Quebec. Entretanto, ela é compensada pela aquisição progressiva de uma nova cultura canadense que se forma. Do nosso ponto de vista, já que hoje o Canadá é um país de atração, não só para portugueses, muito precisa ser estudado sobre a importância da relação entre escola e formação da identidade, inclusive porque o *ser quebequense*, neste caso, implica absorver e refazer aspectos da lusofonia. Em suma, muitas pesquisas precisam ser feitas nesta direção, inclusive acerca dos brasileiros, angolanos, moçambicanos, dentre outros, que se dirigem atualmente para o Quebec, ao levar-se em consideração, sobretudo, a miséria instalada nos países pertencentes à Comunidade de Países de Língua Oficial Portuguesa (PALOPs) aliada à política pública de incentivo à imigração em vigor no Canadá e, especialmente, na província do Quebec. É neste momento que começaremos a fazer nossas considerações acerca da forte imigração brasileira composta por trabalhadores qualificados em direção ao Canadá.

Conforme Marmora (2002), os *cérebros*, quando se estabelecem como residentes nos países de recepção, fazem remessas de dinheiro para os seus de origem e ainda promovem parceria entre as universidades das regiões que os acolheram com as dos seus países de origem,

contribuindo para com a sociedade que, por meio do pagamento de impostos, os formaram.

Do nosso ponto de vista, o pesquisador ou cientista que emigra não é aproveitado da melhor maneira pela sua sociedade de origem. Ou seja, há uma perda de capital. Assim, de acordo com Bourdieu (1998), os emigrantes levam para outros países um conjunto de habilidades, experiências, qualificações e relações sociais que constituirão um *capital cultural/social* que, ao contrário do capital material, se valoriza com o tempo.

Entretanto, no caso da atual sociedade brasileira em que existem, dentre outras mazelas, a falta de investimento que coloca em risco a produção de conhecimento; a falta de oportunidades para que aqueles que estudaram possam desenvolver suas habilidades em favor de si mesmo, da comunidade e do país; a proliferação de instituições de ensino superior que não se preocupam com qualidade de ensino e o sucateamento de diversas instituições públicas e privadas destacamos que a estrutura das próprias universidades – preponderantemente no Brasil, a organização e o *modus operandi* das universidades públicas pode ser um fator que emperra o desenvolvimento pessoal e profissional de seus pesquisadores.

A universidade, assim como a sociedade brasileira, revela uma estrutura social fraturada: reproduz-se, institucionalmente, um divisor social para o qual a detenção de mérito e a aquisição de conhecimentos se revelam insuficientes para anular determinados estigmas. Este divisor separa a universidade em pelo menos dois grupos: a) os indivíduos incluídos socialmente e também integrados na universidade; e b) os indivíduos excluídos socialmente que ingressaram na universidade em busca da inclusão social, via instituição escolar, e que são vítimas das artimanhas da exclusão institucional. Ou seja, apresentamos a possibilidade de que em muitas instituições de pesquisa ocorra um sistema de *inclusão perversa* (Foracchi, 1982), em que algumas unidades recebem mais verba para a pesquisa do que outras e que, dentro das unidades, pessoas, independentemente do mérito de seus trabalhos, tenham mais condições para realizá-los. Do nosso ponto de vista, inúmeros pesquisadores, professores passam por uma carreira brutal de humilhação social e profissional no seio das universidades que, tendo em vista o estado emocional a que são reduzidos, conseguiriam apenas fazer colares de miçangas. Deste modo, as razões apontadas impossibilitam a construção da identidade de pesquisador em muitos dos profissionais brasileiros nas

universidades. Isto porque eles se sentem desvalorizados pelas políticas públicas e são rejeitados no âmbito das próprias instituições.

Este grupo de pesquisadores, os *incluídos perversamente*, ou calam-se e destroem-se, ou buscam lutar e se salvar mais uma vez da perversidade inerente aos nossos dias. EMIGRAR para o Canadá se constitui uma possibilidade. Ou, dito de outro modo, dos *cérebros* ou dos *futuros cérebros* emigram, pois se encontram em situação de desafiliação ou ainda de ruptura do processo identitário de pesquisador e, neste contexto, podem se culpabilizar por serem como e quem são inclusive por serem simplesmente brasileiros. Muitas vezes, procuram se enquadrar no interior da instituição universitária brasileira, para não sentirem, mais uma vez, a exclusão incansavelmente provada em âmbito maior da vida na sociedade brasileira ou partem para outro país, como se tem observado no fluxo de brasileiros qualificados que se dirigem para o norte do continente americano.

Neste contexto, perguntamos: na medida em que para assegurar a salvaguarda, o desenvolvimento e a valorização do patrimônio cultural imaterial presente em seu território por meio, especialmente, interiorizado em cada um dos, neste caso, portugueses e brasileiros residentes no Canadá, quais são os esforços empreendidos por Portugal ou Brasil? Ou, dito de outro modo, quais as políticas adotadas e seus respectivos planejamentos para salvaguardar a riqueza existente em cada emigrante? Quais são os organismos oficiais destes países para salvaguardar tais bens culturais tanto em território nacional como no exterior? E, se por acaso, tivéssemos respostas a estas questões já que medidas concretas deveriam ter sido tomadas a tempo, continuaríamos a questionar: quais as medidas de ordem jurídica, técnica, administrativa e financeira em vigor? Infelizmente, até onde sabemos, existem apenas alguns poucos lugares, tais como a escola portuguesa retratada neste artigo, ou ainda, as diversas *Casa do Brasil* ou *Casa de Portugal* que favorecem, apesar da falta de incentivo, a transmissão desse patrimônio.

Deste modo, depois destas considerações, é com certo pesar que finalizamos este texto na medida em que não temos verificado ao longo dos nossos trabalhos de pesquisa, ensino e extensão o devido respeito ao *ser lusófono*. Sendo assim, encerramos esta reflexão com a dúvida de que se os brasileiros escolarizados no Quebec conseguirão fazer valer o direito à lusofonia por meio da instituição escolar tal como têm

tentado os portugueses em situação de pouca escolarização apesar do pouco sucesso ou se em um coro que se ouvirá por todas as partes do planeta, nós, os lusófonos, Macunaímas ou Pessoas poderemos cantar em uníssono a seguinte música- *Brazuca*- de Gabriel, o Pensador, da qual selecionamos o excerto abaixo:

*O país ficou feliz depois daquele gol
Todo mundo satisfeito, todo mundo se abraçou
Muita gente até chorou com a comemoração
Orgulho de viver nesse país campeão
E na favela, no dia seguinte, ninguém trabalha
É o dia de enterrar o que sobrou do Zé Batalha
Mas não tem ninguém pra carregar o corpo
Nem pra fazer uma oração pelo morto
Tá todo mundo com a bandeira na mão esperando a seleção
no aeroporto
É campeão da hipocrisia, da violência, da humilhação
É campeão da ignorância, do desespero, desnutrição
É campeão da covardia e da miséria, corrupção
É campeão do abandono, da fome e da prostituição*

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, M. de (1965). *Macunaíma o herói sem nenhum caráter*. São Paulo: Livraria Martins Editora.
- BOURDIEU, P.; CHAMPAGNE, P. (2001). Os excluídos do interior. In: BOURDIEU, P. (Org.). *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes. p. 481-486.
- BRASIL. Artigo 52 da Lei 9394/96 de 20/12/96 – Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional.
- COSTA, J. R. (1988). *Os descobrimentos portugueses: Pedro Álvares Cabral e o Brasil*. Conselho da Comunidade Portuguesa do Estado de São Paulo. São Paulo: Editora Grupo Pão de Açúcar.
- EUSÉBIO, J. (2001). *Falando Português em Montreal*. Montreal, Quebec World.
- FORACCHI, M. M. (1982). *A participação social dos excluídos*. São Paulo: Hucitec.

- GONÇALVES FILHO, J. M. (1990). “Humilhação social – um problema político em Psicologia”. In: *Psicologia USP*. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. Vol. 1, n. 1.
- LISBOA, E. (1979). *Noções de Linguística, Versos e Alguma Prosa de Jorge de Sena*. Lisboa: Arcádia e Moraes Editores, p. 110.
- ROMANO, R. (1992). As funções sociais da universidade. In: BRANDÃO, Z., WARDE, M. J., IANNI, O. et al. (1992). *Universidade e Educação*. Campinas/ São Paulo: CEDES/ Ande/ Anped.
- SANTOS, B. e S. (2005). *Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez.
- SERRÃO, J. Notas sobre a emigração e mudança social no Portugal contemporâneo. In: *Análise Social*, n.ºs- 87-88-89, vol. XXI, Lisboa, p. 999. http://pt.wikipedia.org/wiki/Imp%C3%A9rio_Portugu%C3%AAs acessada em novembro de 2006.

Sites visitados

- <http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u786.shtml> obtida em 2 fev. 2007.
- VALDEJÃO, R. de G. In: *Jornal da Ciência*, 29 de Janeiro de 2007 obtida em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u51243.shtml>.
- ROMANO, R. In: <http://www1.folhauol.com.br/folha/brasil/ult96u51243.shtml> obtida em 16 de fevereiro de 2007. **Tanto este endereço como o primeiro desta lista remetem à entrevista com prof. Romão. Qual dos dois é melhor como referência?**
- Dados estatísticos sobre os EUA: http://www.oecd.org/home/0,2987,en_2649_201185_1_1_1_1_1,00.html obtido em 15 de fevereiro de 2007.
- <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=content&task=view&id=6320&FlagNoticias=1&Itemid=6469> obtida em 22 de março de 2007.
- <http://www.cic.gc.ca/english/resources/research/census2001/quebec/partb.asp#b1>
- <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540POR.pdf>
- www.unesco.org.br/noticias/opiniaio/index/semdiversidade07/mostra_padrao - 42k -

Recebido em: janeiro de 2008

Aprovado para publicação em: fevereiro de 2008

